

# Utilizando o AAQ-II e o IRAP para prever a ocorrência de esquiva experiencial<sup>1</sup>

Using the AAQ-II and the IRAP to predict the occurrence of experiential avoidance

Utilizando el AAQ-II y el IRAP para predecir la ocurrencia de la evitación experiencial

William F. Perez ✉

Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento  
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)

Roberta Kovac  
Ila M. P. Linares  
Sarah F. U. Barbosa  
Cainã T. Gomes  
Gabriela A. R. dos Santos

Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento

João Henrique de Almeida

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE)  
Universidade Federal de São Carlos

<sup>1</sup> A presente pesquisa foi realizada com o apoio da bolsa pesquisa oferecida pelo Paradigma – Centro de Ciências do Comportamento – a Sarah Barbosa durante a realização do curso de especialização em terapia analítico-comportamental. Agradecemos à colaboração dos alunos do mestrado profissional em Análise do Comportamento Aplicada com realização de parte da coleta de dados (ordem alfabética): Bianca Leão de Oliveira, Denise Cristina Peixoto Orsini Marcondes, Gabriel Dargas, Isabela Neli Signorelli, Maria Fernanda Spinola e Castro, Marina Rafaela Dantas Pedro, Mayara Petri Martins, Tatiana Maria Carvalho Lance Duarte e Tiago Roberto Florêncio.

✉ will.f.perez@gmail.com

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar se duas medidas relacionadas à esquiva experiencial (EE), o AAQ-II e um IRAP, seriam preditoras do desempenho dos participantes em uma tarefa de esquiva. O procedimento foi realizado em três fases realizadas individualmente: (1) aplicação de questionários (dentre eles o AAQ-II); (2) aplicação de um IRAP para medir EE; (3) realização de um teste de esquiva. Participantes adultos foram divididos em dois grupos, a depender do seu desempenho na última tarefa: Esquiva=0 (participantes que não esquivaram; n = 17) e Esquiva>2 (participantes que emitiram pelo menos 3 respostas de esquiva; n = 18). Não foram observadas diferenças entre os grupos com relação aos escores do AAQ-II. Por outro lado, os participantes do grupo Esquiva>2 responderam mais rapidamente para “verdadeiro” nas tentativas do IRAP que apresentavam frases e complementos relacionados à evitação de eventos privados negativos se comparado ao grupo Esquiva=0. Discute-se o efeito do responder relacional na ocorrência da EE.

**Palavras-chave:** esquiva experiencial; AAQ-II; IRAP; teste de esquiva; adultos.

## ABSTRACT

The present study aimed to investigate whether two experiential avoidance measures, the AAQ-II and an IRAP, would predict the participant's performance during an avoidance task. The procedure consisted of three phases: (1) answering questionnaires (including the AAQ-II); (2) responding an IRAP developed to assess EE; (3) responding to an avoidance test. Data collection was individualized. Adult participants composed two groups depending on their performance on the final task: Avoidance=0 (participants who did not emit any avoidance response during the test; n = 17) and Avoidance>2 (participants who emitted at least three avoidance responses; n = 18). There was no difference between groups regarding the AAQ-II scores. On the other hand, participants from the group Avoidance>2 responded faster to “true” on those IRAP trials that presented phases related to avoiding negative private events – compared to the group Avoidance=0. The effect of relational responding on the occurrence of EA is discussed.

**Keywords:** experiential avoidance; AAQ-II; IRAP; avoidance teste; adults.

## RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo investigar si dos medidas relacionadas con la evitación experiencial (EE), el AAQ-II y un IRAP, serían predictores del desempeño de dos participantes en una tarea de evitación. El procedimiento se realizó en tres fases, realizadas individualmente: (1) aplicación de los cuestionarios (entre ellos el AAQ-II), (2) aplicación de un IRAP para medir EE y (3) realización de una prueba de evitación. Participantes adultos fueron divididos en dos grupos según su desempeño en la última tarea: Evitación = 0 (participantes que no evitaron; n= 17) y Evitación > 2 (participantes que emitieron por lo menos 3 respuestas de evitación; n = 18). No se observaron diferencias entre los grupos con relación a los puntajes del AAQ-II. Por otro lado, los participantes del grupo de Evitación > 2 respondieron más rápidamente para “Verdadero” en los ensayos del IRAP que presentaban frases y complementos relacionados con la evitación de eventos privados negativos al compararse con el grupo de Evitación = 0. Se discute el efecto del responder relacional en la ocurrencia de EE.

**Palabras clave:** evitación experiencial, AAQ-II, teste de evitación, adultos.

A Terapia de Aceitação e Compromisso (*Acceptance and Commitment Therapy* ou ACT; cf. Hayes, Strosahl, & Wilson, 1999; 2012) utiliza uma concepção funcional para compreender o sofrimento humano observado na prática clínica. Segundo a ACT, as psicopatologias são produtos de processos psicológicos normais, relacionados à linguagem e à cognição (e.g., solução de problemas, seguimento de regras) e que, quando aplicados ao controle de eventos privados aversivos, produzem uma amplificação do sofrimento psicológico e o empobrecimento do repertório. Uma das categorias funcionais utilizadas pela ACT para compreender quadros clínicos é a Esquiva Experiencial (EE), que se caracteriza pela tentativa de evitar o contato com eventos privados aversivos ou com eventos que os evocam ou eliciam (Chawla & Ostafin, 2007; Hayes, Wilson, Gifford, Follette, & Strosahl, 1996; Levin et al., 2014; Monestès et al., 2016).

A EE tem sido investigada, especialmente, por meio de questionários utilizados para pesquisa de eficácia e de processos relacionados à ACT. Um dos questionários mais utilizados é o *Acceptance and action questionnaire* (AAQ-II: Bond et al., 2011; Hayes et al., 2004). Tal questionário é composto por sete itens que avaliam, de modo geral, a veracidade de afirmações que descrevem eventos privados como barreiras ao engajamento em diversos comportamentos relacionados a uma vida valorosa. Como qualquer questionário, o AAQ-II também está sujeito a variáveis motivacionais que podem lançar suspeita ao considerar o relato verbal como uma medida fidedigna de ocorrência de comportamentos clinicamente relevantes (e.g., efeito de demanda; cf. Furnham, 1986; Chawla & Ostafin, 2007).

Pesquisadores têm sugerido a necessidade de se desenvolver outras medidas de EE que não sejam unicamente baseadas no relato verbal medido por

questionários (e.g., Drake, Timko, & Luoma, 2016; Gámez, Chmielewski, Kotov, Ruggero, & Watson, 2011; Wolgast, 2014). O *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP, e.g., Barnes-Holmes, Hayden, Barnes-Holmes, & Stewart, 2008; Hughes & Barnes-Holmes, 2012) tem sido utilizado como uma alternativa para avaliar como participantes respondem a sentenças envolvendo a descrição de aceitação ou de evitação de eventos privados aversivos e está baseado não na veracidade das afirmações, mas na latência da resposta para confirmar ou rejeitar as proposições apresentadas. Hooper, Villatte, Neofotistou e McHugh (2010), em parte do seu estudo, solicitaram que participantes adultos respondessem ao AAQ-II e a um IRAP que buscou medir a latência das respostas relacionais dos participantes a frases de aceitação ou de evitação de emoções negativas. As tentativas do IRAP eram compostas por uma frase, apresentada no topo da tela, e por um complemento, apresentado no meio da tela. O participante deveria concordar ou discordar da frase e complemento apresentados, selecionando as opções “verdadeiro” ou “falso” localizadas nos cantos inferiores da tela. As frases apresentadas eram, por exemplo, “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu...” ou “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu...”. Tais frases eram sempre acompanhadas de um dos dois possíveis complementos: “as aceite” ou “as evite”.

Durante o procedimento, foram apresentados dois tipos de blocos de tentativas: nos blocos consistentes, os participantes deveriam responder com viés de aceitação e não evitação de emoções negativas: “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as aceite” – verdadeiro –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as aceite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as evite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as evite” – verdadeiro. Nos blocos inconsistentes, as contingências eram

invertidas, e o participante deveria responder com viés de evitação e de não aceitação de emoções negativas, ou seja: “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as aceite” – falso –; “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as aceite” – verdadeiro –; “Quando sinto emoções negativas, é melhor que eu as evite” – verdadeiro – “Quando sinto emoções negativas, é pior que eu as evite” – falso.

A comparação entre a latência média obtida nos blocos consistentes e nos blocos inconsistentes dava origem a um  $D_{IRAP}$  score que indicava em qual bloco de tentativas – e, portanto, em qual viés – foi mais fácil para o participante responder, revelando a força relativa das respostas relacionais apresentadas. Nenhuma correlação entre os resultados do IRAP e do AAQ-II foram encontradas. Em outro estudo posterior, Drake, Timko e Luoma (2016) investigaram a correlação entre o AAQ-II e um IRAP desenvolvido para medir a esquiva experiencial relacionada à ansiedade. De modo similar, não foram encontradas correlações claras entre os escores obtidos no AAQ-II e nas tentativas apresentadas durante o IRAP.

Os estudos de Hooper et al. (2010) e Drake et al. (2016) podem ter falhado em encontrar correlações entre os escores do AAQ-II e as tentativas do IRAP devido a dois fatores: (1) ambos estudos focaram a esquiva de emoções negativas. A EE, no entanto, envolve uma gama mais ampla de eventos privados aversivos, tais como pensamentos, sensações e memórias; ainda, (2) foi utilizado um conjunto muito restrito de expressões referentes à aceitação e à evitação de eventos privados. Buscando resolver tais limitações, Perez et al. (2017) desenvolveram um IRAP que investigou a aceitação ou a evitação de eventos privados utilizando uma maior diversidade de expressões de aceitação ou de

evitação que envolvessem pensamentos, sensações, memórias e emoções positivas ou negativas.

Depois de responder ao AAQ-II, participantes foram submetidos a um IRAP composto por frases diversas de aceitação (e.g., “tudo bem sentir”, “permite lembrar”, “tudo bem pensar”) ou de evitação (e.g., “evito sentir”, “evito pensar”, “evito lembrar”, “reluto sentir”, “reluto pensar”, “reluto lembrar”) de eventos privados positivos (e.g., “coisas alegres”, “coisas agradáveis”, “coisas que dão ânimo”, “coisas gostosas”) ou negativos (“coisas tristes”, “coisas desagradáveis”, “coisas que dão medo”). Foram programados quatro tipos de tentativas: *aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*. Foram observadas respostas mais rápidas para as relações “aceito +, verdadeiro” e “evito -, verdadeiro”. A comparação entre subgrupos com diferentes exigências de latência (2.500 ms vs. 2.000 ms) sugeriu que o grupo com maior exigência de latência (2.000 ms) apresentou melhor diferenciação dos escores no IRAP e correlação entre as tentativas *evito -* e o AAQ-II.

Ao discutir os dados, Perez et al. (2017) avaliaram a necessidade de se investigar em que medida os escores do AAQ-II ou os escores do IRAP poderiam ser preditores do desempenho de participantes em uma tarefa de esquiva. Estudos anteriores com o IRAP apontam que ele pode prever, por exemplo, uma resposta de esquiva ou de aproximação de uma aranha em participantes que relatam ter medo de aranha (e.g., Nicholson & Barnes-Holmes, 2012) ou a aproximação de um estímulo “contaminado” em participantes com medo de contaminação (e.g., Nicholson, Dempsey, & Barnes-Holmes, 2014). No estudo de Drake et al. (2016), no entanto, os escores obtidos no AAQ-II e nas tentativas do IRAP não foram correlacionados com o desempenho dos participantes em uma tarefa de segurar a respiração.

Cochrane, Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Stewart e Luciano (2007) desenvolveram uma tarefa comportamental para medir experimentalmente a EE. O procedimento desenvolvido por Cochrane et al. (2007) foi composto de três partes: (1) inicialmente, os participantes eram apresentados a uma série de imagens, classificando-as como desagradáveis ou neutras; (2) em seguida, os participantes eram submetidos a uma tarefa de discriminação condicional, na qual deveriam aprender duas relações entre estímulos sem sentido A1B1 e A2B2; (3) por fim, os participantes eram submetidos a um teste de esquiva no qual, para seguir respondendo corretamente nas tentativas envolvendo uma das relações condicionais ensinadas (A1B1), o participante deveria também suportar estar diante de imagens aversivas que eram apresentadas como consequência.

De maneira geral, os participantes poderiam apresentar, ao longo das tentativas, duas estratégias possíveis: seguir acertando no treino das relações condicionais, tendo de lidar com a apresentação das imagens aversivas, ou cometer erros para se esquivar da apresentação de tais imagens. Foram observadas diferenças nos desempenhos de participantes que obtiveram pontuações extremamente altas ou baixas no AAQ, especialmente com relação à latência de resposta nas tentativas em que o aversivo era apresentado, e também com relação aos potenciais evocados medidos por EEG (eletroencefalografia).

O presente estudo pretendeu replicar o estudo de Perez et al. (2017), acrescentando, ao final do procedimento, a tarefa de EE desenvolvida por Cochrane et al. (2007). Diferentemente do estudo de Cochrane et al., no presente estudo, os participantes foram divididos entre grupos com base no número de respostas de esquiva emitidas durante a tarefa de esquiva. Assim, foi possível comparar as diferenças

no AAQ-II e no IRAP em função do desempenho dos grupos experimentais, classificados como esquiva ( $Esquiva > 2$ ) vs. não esquiva ( $Esquiva = 0$ ).

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram da pesquisa 119 adultos verbalmente competentes, com idade variando entre 18 e 63 anos ( $M = 31$ ,  $SD = 11$ ), sendo 67 do sexo masculino e 52 do sexo feminino. Antes de iniciar a pesquisa, todos leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Plataforma Brasil, CAAE 27793714.4.0000.0084). Os participantes foram recrutados, em parte, por meio de contato pessoal realizado pelos pesquisadores. Além disso, também participaram da pesquisa profissionais e visitantes da instituição de ensino na qual a pesquisa foi realizada.

### *Local e equipamentos*

A coleta de dados foi realizada em diferentes locais que mantiveram constantes as seguintes características: local deveria ser silencioso, equipado com uma mesa, cadeira e um computador (laptop). Na primeira parte do procedimento, os participantes utilizaram folhas impressas e caneta para responder aos questionários; na sequência, os softwares IRAP (2012) e AversiveMTS (cf. tarefa de esquiva; Perez, 2014) foram utilizados durante as tarefas experimentais automatizadas.

### *Procedimento*

Tendo o participante acomodado à mesa e assinado o TCLE, dava-se início ao procedimento de pesquisa. O procedimento foi dividido em três fases. Inicialmente, como em Perez et al. (2017), os participantes deveriam preencher um conjunto de questionários referentes a medidas de esquiva experiencial e psicopatologias diversas.

Imediatamente após o preenchimento das escalas, era iniciada a tarefa do IRAP. Em seguida, os participantes eram submetidos a uma tarefa de esquiva (baseada em Cochrane et al., 2007).

### Questionários

Como medida explícita de esquiva experiencial, foi utilizada a versão em português do *Acceptance and action questionnaire* AAQ-II (Barbosa & Murta, 2015); como medidas relacionadas a psicopatologias mais comuns, foram utilizadas a versão brasileira das escalas Beck de depressão (BDI; Cunha, 2001) e ansiedade (BAI; Cunha, 2001) e da escala de depressão, ansiedade e estresse (EADS; Apóstolo, Mendes, & Azeredo, 2006).

### IRAP

O IRAP era iniciado com algumas instruções mínimas, adaptadas para o português a partir do manual do programa. A cada tentativa do IRAP, eram apresentados simultaneamente quatro estímulos, como mostram os quadros da Figura 1. Na parte superior da tela, era apresentado o estímulo modelo, que consistia em uma frase de aceitação (e.g., “Tudo bem sentir”) ou de evitação (e.g., “Evito sentir”); no centro da tela, era apresentado um

estímulo alvo, que consistia em um complemento da frase modelo, descrevendo um evento privado positivo (e.g. “coisas prazerosas”) ou negativo (e.g., “coisas desagradáveis”); nos cantos inferiores direito e esquerdo da tela, eram apresentadas duas opções de resposta, as palavras “verdadeiro” e “falso”.

Uma vez apresentados todos os estímulos, o participante deveria escolher uma das duas opções de resposta por meio das teclas “d”, para opção da esquerda, e “k”, para opção da direita. A posição em que cada uma das opções era apresentada era determinada aleatoriamente a cada tentativa. Caso o participante escolhesse a opção designada como correta para aquela tentativa, todos os estímulos eram retirados da tela, e um intervalo entre tentativas de 400 ms era iniciado. Caso o participante emitisse uma resposta designada como incorreta, um X vermelho era apresentado entre a frase e o seu complemento. A tentativa somente era encerrada após a emissão da resposta correta. Havia, ainda, uma exigência de tempo. A ausência de resposta transcorridos 2.000 ms do início da tentativa era seguida da mensagem “Tente mais rápido”, apresentada entre a frase e o complemento.

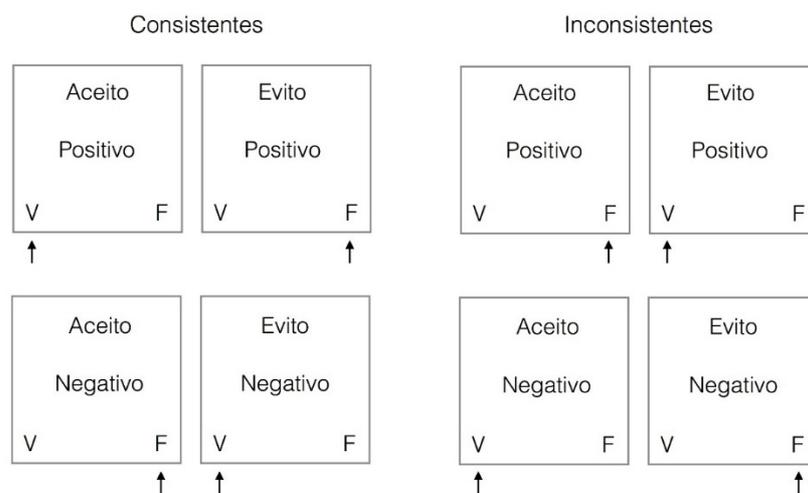


Figura 1. Arranjo de estímulos apresentados em cada um dos quatro tipos de tentativas do IRAP: *aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*. A resposta considerada correta em cada um dos tipos de tentativa, ao longo dos blocos consistentes (esquerda) ou inconsistentes (direita), está sinalizada por uma seta.

Foram utilizados como estímulos-modelo as seguintes frases de aceitação: “permito sentir”, “permito pensar”, “permito lembrar”, “tudo bem sentir”, “tudo bem pensar”, “tudo bem lembrar”. Também foram utilizadas as seguintes frases de evitação: “evito sentir”, “evito pensar”, “evito lembrar”, “reluto sentir”, “reluto pensar”, “reluto lembrar”. Como estímulos-alvo, foram apresentados os seguintes complementos positivos: “coisas alegres”, “coisas agradáveis”, “coisas que dão ânimo”, “coisas gostosas”, “coisas serenas” e “coisas prazerosas”. Como complementos negativos, foram utilizados: “coisas tristes”, “coisas desagradáveis”, “coisas que dão medo”, “coisas que angustiam”, “coisas que dão nojo”, “coisas que são dolorosas”.

A apresentação dos estímulos foi organizada sempre em blocos de 24 tentativas. A cada tentativa, uma frase e um complemento eram aleatoriamente selecionados para apresentação. Cada frase e cada complemento era apresentado duas vezes por bloco, combinados aleatoriamente.

Os blocos de tentativas poderiam ser consistentes ou inconsistentes. Ao longo da tarefa, blocos consistentes e inconsistentes foram sempre apresentados de maneira alternada. Metade dos participantes iniciava o procedimento por um bloco consistente, e a outra metade por um bloco inconsistente. Como mostra a Figura 1, nos blocos consistentes, a opção “verdadeiro” era considerada correta quando uma frase de “aceitação” fosse apresentada com um complemento “positivo” e uma frase de “evitação” fosse apresentada com um complemento “negativo”; a opção “falso” era considerada correta quando uma frase de “evitação” fosse apresentada com um complemento “positivo” e uma frase de “aceitação” fosse apresentada com um complemento “negativo”. Nos blocos

inconsistentes, por sua vez, as contingências programadas para respostas corretas e incorretas eram invertidas.

O procedimento era iniciado com blocos de treino (ou “aquecimento”), que tinham por objetivo familiarizar o participante com o procedimento. No primeiro par de blocos consistente/inconsistente apresentado, não havia exigência de latência. Assim, o participante deveria somente responder em acordo com a contingência programada. Tal fase era encerrada quando o participante emitisse pelo menos 80% de respostas corretas em cada um dos blocos. Depois disso, um novo par de blocos era apresentado, adicionando a exigência da latência de resposta. Caso o responder se mantivesse em acordo com o critério de acerto (pelo menos 80%) e com latência média máxima de 2.000 ms, a fase de treino era encerrada, sendo seguida imediatamente pelos blocos de teste. Caso o participante não atingisse critério em até três pares de blocos consistente/inconsistente – ou seja, seis blocos de tentativas ora consistentes ora inconsistentes, apresentadas de maneira alternada –, sua participação seria encerrada.

Durante a fase de teste, foram apresentados três pares de blocos consistente/inconsistente. Os blocos de teste eram idênticos aos do final da fase de treino, ou seja, para esses blocos, havia exigência de acerto e de latência. Foram utilizados como dados de teste os resultados obtidos ao longo dos três pares de blocos consistente/inconsistente. Somente foram analisados os dados dos participantes que mantiveram critério de estabilidade ao longo de todos os blocos de teste (acertos > 80% e latência média < 2.000 ms; parâmetros selecionados a partir do estudo de Perez et al., 2017).

### *Tarefa de esquivia*

Uma vez realizado o IRAP, os participantes eram submetidos a uma tarefa comportamental de esquivia, tal como utilizada por Cochrane et al. (2007). Tal tarefa era composta por três partes: (1) inicialmente, os participantes deveriam avaliar fotos diversas como sendo neutras ou desagradáveis; (2) em seguida, os participantes deveriam aprender duas relações condicionais (A1B1 e A2B2) entre formas abstratas (sem sentido); por fim (3), os participantes eram submetidos a um teste de esquivia no qual, para manter o desempenho em uma das relações condicionais aprendidas (A1B1), ou seja, para emitir a resposta correta (diante de A1 escolher B1), o participante deveria também ser exposto a uma imagem classificada como desagradável, sendo que a maneira de não ser exposto a tal imagem seria responder em desacordo com uma das relações condicionais treinadas (ou seja, diante de A1, escolher B2). Assim, o número de erros nessa fase, comparado com o desempenho na fase anterior, serviria como uma medida de esquivia das imagens desagradáveis (esquivia experiencial).

### *Avaliação de imagens*

Os participantes eram submetidos a 36 tentativas, nas quais deveriam classificar imagens do Iaps (Lang, Bradley, & Cuthbert, 1999) como “neutras” ou “desagradáveis”. Tais imagens foram, posteriormente, utilizadas no teste de esquivia. Cada tentativa era iniciada com a apresentação de uma imagem neutra ou aversiva, no centro da tela, juntamente com duas opções de escolha nos cantos inferiores: “neutro” ou “desagradável”. As escolhas eram realizadas utilizando o teclado. A tecla “Z” selecionava a opção do canto inferior esquerdo da tela; a tecla “M”, a opção do canto inferior direito. A apresentação das opções “neutro” ou “desagradável” nos cantos direito ou esquerdo foi randomizada. Depois de escolher uma das opções,

os estímulos eram retirados da tela. Decorridos 2.000 ms, era apresentada a frase “carregando tentativa...” por 6.000 ms. Decorridos mais 2.000 ms de tela “branca” (intervalo entre tentativas, IET), uma nova tentativa era apresentada. Antes de iniciar a tarefa, os participantes recebiam instruções mínimas para o uso do teclado na escolha das opções apresentadas.

### *Ensino de relações condicionais*

Foram ensinadas duas relações condicionais entre estímulos sem sentido (Sidman & Tailby, 1982) por meio de um procedimento de *matching-to-sample* (MTS). A cada tentativa de MTS, ocorria a apresentação de um estímulo modelo (e.g., A1) e de estímulos de comparação (e.g., B1 e B2), dos quais apenas um poderia ser escolhido. O estímulo de comparação designado como “correto” a cada tentativa dependia do estímulo modelo apresentado (e.g., se o modelo fosse A1, então a comparação correta seria B1; se fosse A2, então B2). As relações condicionais ensinadas foram: A1B1 e A2B2.

A cada tentativa, o modelo (A1 ou A2) era apresentado no centro da tela, seguido da apresentação de dois estímulos de comparação (B1 e B2) nos cantos inferiores da tela. Sempre que A1 era apresentado, a escolha de B1 era reforçada; sempre que A2 era apresentado, a escolha de B2 era reforçada. Assim, respostas ao estímulo de comparação programado para ser relacionado ao modelo apresentado eram seguidas da palavra “correto”; respostas ao outro estímulo de comparação eram seguidas da palavra “incorreto”. Depois de escolher um dos estímulos de comparação, todos os estímulos eram retirados da tela, e consequências para acerto ou erro eram apresentadas por 2.000 ms. Decorridos 2.000 ms depois da retirada do feedback para a escolha do participante, era apresentada a frase “Carregando

tentativa...” por 6.000 ms. Em seguida, decorridos 2.000 ms de tela branca (intervalo entre tentativas), uma nova tentativa era iniciada. Essa fase era encerrada após os participantes atingirem o critério de 20 acertos consecutivos. Em seguida, era iniciado o teste de esquiva.

### *Teste de esquiva*

Nessa etapa, a tarefa de MTS era repetida de forma idêntica à etapa anterior, exceto pelo fato de que, depois de receber feedback para acerto ou erro, uma imagem “neutra” ou “aversiva” era apresentada por 6.000 ms no lugar da frase “Carregando tentativa...”. A apresentação das imagens seguiu a contingência programada em Cochrane et al. (2007). Diante de A1, a escolha de B1 era seguida de “correto” e de uma imagem aversiva (avaliada como desagradável), e a escolha de B2 era seguida de “incorreto” e de uma imagem neutra. Diante de A2, a escolha de B1 era seguida de “incorreto” e uma imagem aversiva, e a escolha de B2 era seguida de “correto” e uma imagem neutra. Esse arranjo de estímulos permitiu que o participante cometesse erros na presença do estímulo modelo A1, com função de esquiva da apresentação da imagem aversiva. A mudança no desempenho dos participantes nas tentativas com o modelo A1 (ocorrência de erros) permitiu classificar os grupos com relação ao número de respostas de esquiva.

## **RESULTADOS**

Foram analisados os dados dos participantes que realizaram todas as etapas da pesquisa ( $n = 35$ ). Dos 119 participantes, 5 abandonaram o experimento durante a tarefa do IRAP, e 40 participantes foram excluídos por não atingirem o critério durante os blocos de treino IRAP. Dos 74 participantes submetidos aos blocos de teste do IRAP, 36 foram excluídos do estudo por não manterem critério de

acerto ( $n = 3$ ), de latência ( $n = 5$ ) ou de acerto e latência ( $n = 28$ ). Todos os participantes que responderam aos questionários e atingiram critério durante o IRAP também finalizaram a tarefa de esquiva.

Considerando que o objetivo do presente estudo foi avaliar em que medida o AAQ-II e o IRAP seriam preditivos das respostas de esquiva na última tarefa experimental realizada, os participantes foram divididos em dois grupos: Esquiva=0 (participantes que não emitiram respostas de esquiva;  $n = 17$ ) e Esquiva>2 (participantes que emitiram pelo menos 3 respostas de esquiva;  $n = 18$ ;  $M = 12.44$ ;  $SD = 4.8$ ). Três participantes que emitiram uma ou duas respostas de esquiva foram excluídos, e seus erros foram considerados ruídos (erros involuntários, e não respostas de esquiva). Os escores médios obtidos nas escalas aplicadas para o grupo Esquiva=0 foram: AAQ II,  $M = 18.25$  ( $SD = 8.29$ ); BAI,  $M = 8.62$  ( $SD = 7.6$ ); BDI,  $M = 9.3$  ( $SD = 5.6$ ); EADS,  $M = 12$  ( $SD = 10.95$ ). Para o grupo Esquiva>2, os escores médios obtidos foram: AAQ II,  $M = 15.71$  ( $SD = 9.3$ ); BAI,  $M = 8.88$  ( $SD = 7.18$ ); BDI,  $M = 7.1$  ( $SD = 6.0$ ); EADS,  $M = 12.44$  ( $SD = 9.1$ ). Uma série de testes  $t$  pareados não revelaram nenhuma diferença entre os grupos com relação à média dos escores obtidos nos questionários (AAQ:  $t(35) = 0.8273$ ,  $p = .41$ ; BAI:  $t(35) = 0.1478$ ,  $p = .88$ ; BDI:  $t(35) = 1.089$ ,  $p = .28$ ; EADS:  $t(35) = 0.1292$ ,  $p = .89$ ), revelando homogeneidade entre os grupos com relação aos escores nos questionários.

A Figura 2 apresenta a média dos  $D_{IRAP}$  escores obtidos para os participantes dos grupos Esquiva=0 (gráfico superior) e Esquiva>2 (gráfico inferior) nos quatro tipos de tentativas do IRAP (*aceito +*, *aceito -*, *evito +* e *evito -*).  $D_{IRAP}$  escores próximos de zero indicam que nenhuma diferença pode ser informada

entre as tentativas consistentes vs. inconsistentes, ou seja, os participantes responderam com latência similar tanto para “verdadeiro” quanto para “falso”. Quando o  $D_{IRAP}$  escore médio alcança valores mais expressivos, tanto positivos quanto negativos, é possível verificar diferenças entre as latências das respostas para “verdadeiro” ou “falso” em um dado tipo de tentativa. Nas tentativas *aceito +*, tanto o grupo *Esquiva=0* como o grupo *Esquiva>2* responderam mais rapidamente para “verdadeiro”; o teste *t* revelou valores significativamente diferentes de zero para ambos os grupos nesse tipo de tentativa (*Esquiva=0*  $t(16) = 5,816, p < .0001$ ; *Esquiva>2*  $t(17) = 5.689, p < .0001$ ). Esse foi o único tipo de tentativa em que os dois grupos obtiveram índices semelhantes. Os dados do grupo *Esquiva=0* no tipo de tentativa *aceito -* foram também significativamente diferentes de zero ( $t(16) = -2.173, p < .05$ ), ao passo que os escores nas tentativas *Evito +* e *Evito -* não foram diferentes de zero (*Evito +*  $t(16) = 1.334, p = .201$  e *Evito -*  $t(16) = .627, p = .540$ ). Os dados do grupo *Esquiva > 2*, não foram significativamente diferentes de zero para o tipo de tentativa *Aceito -* ( $t(17) = -2.050, p = .056$ ); no entanto, os escores nas tentativas *Evito +* e *Evito -* foram expressivos, sendo diferentes de zero (*Evito +*  $t(17) = 2.433, p < .05$  e *Evito -*  $t(17) = 3.638, p < .005$ ).

Observando o teste de Mann-Whitney, a única diferença na comparação dos  $D_{IRAP}$  escores dos grupos *Esquiva=0* e *Esquiva>2* foi com relação à tentativa *evito -*. As médias dos  $D_{IRAP}$  escores desses dois grupos foram significativamente diferentes ( $U = 84.000, p < .05$ ), como pode ser observado na Figura 2. Em relação à comparação dos demais tipos de tentativas, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas no teste de Mann-Whitney (*aceito +*,  $U = 150.000, p = .935$ ; *aceito -*,  $U = 163.000, p = .757$ ; *evito +*,  $U = 155.000, p = .961$ ). Em uma Anova com medidas repetidas, foi possível

observar que não houve diferenças no tamanho do efeito comparando os tipos de tentativas do IRAP para cada um dos grupos, ambos apresentando efeitos significativos e grandes (*Esquiva=0*  $F(3, 16) = 8.733, p < .001, \eta^2_{Partial} = .29$ ; *Esquiva>2*  $F(3, 17) = 11.043, p < .001, \eta^2_{Partial} = .32$ ). Não foram observadas correlações significativas entre os escores nas tentativas do IRAP e os escores nas escalas.

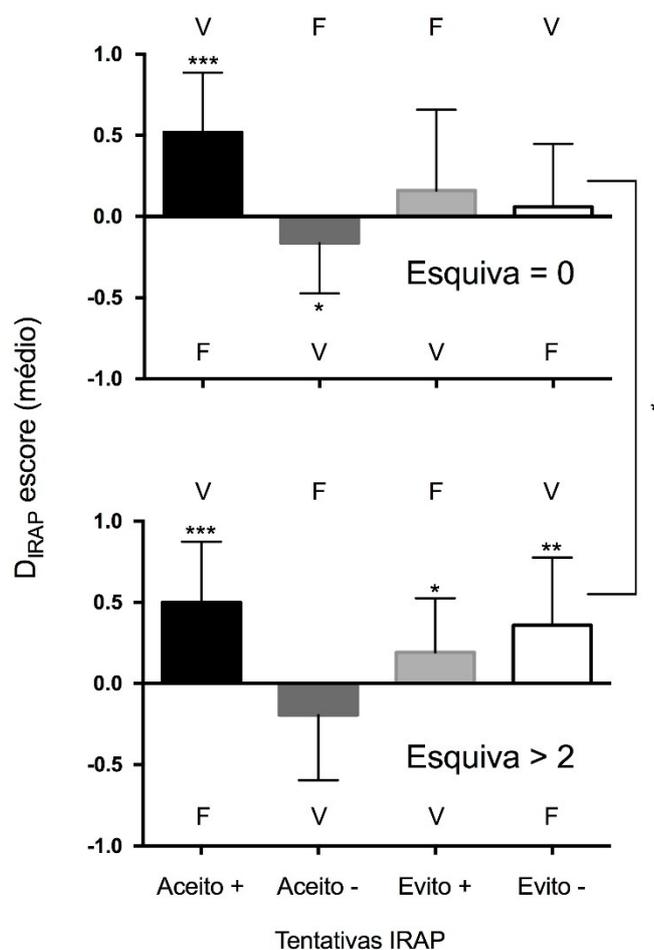


Figura 2.  $D_{IRAP}$  escores médios obtidos nos quatro tipos de tentativas do IRAP para os dois grupos experimentais: *Esquiva=0* (superior) e *Esquiva>2* (inferior). Asteriscos sinalizam que os valores obtidos são significativamente diferentes de zero ou diferentes entre si ( $p \leq 0.05 = *$ ;  $p < 0.01 = **$ ;  $p < 0.001 = ***$ )

## DISCUSSÃO

Dando continuação a Perez et al. (2017), o presente estudo teve por objetivo investigar se o AAQ-II e

um IRAP desenvolvido para medir relações verbais referentes à EE seriam preditores do desempenho dos participantes em uma tarefa de esquiva. Para tanto, os participantes foram divididos em dois grupos, Esquiva=0 e Esquiva>2, e os escores obtidos no AAQ-II e no IRAP foram analisados em função do desempenho dos participantes que esquivaram durante a tarefa (Esquiva>2) e dos que não esquivaram (Esquiva=0). Não foram observadas diferenças entre os grupos para nenhuma das escalas aplicadas, seja considerando a medida explícita de EE, o AAQ-II, seja considerando medidas gerais de quadros psicopatológicos comuns (BAI, BDI e EADS), o que sugere que as diferenças na medida de desempenho na tarefa de esquiva não estão relacionadas a diferentes padrões de relato em instrumentos estruturados. Também não foram encontradas correlações significativas entre os escores nas escalas e os escores nas tentativas do IRAP. Por outro lado, considerando o desempenho de ambos os grupos nas diferentes tentativas do IRAP, somente foi possível verificar diferenças significativas na comparação entre os  $D_{IRAP}$  escores das tentativas *evito* -. Enquanto para o grupo Esquiva=0 o  $D_{IRAP}$  escore médio nesse tipo de tentativa não diferiu de zero, os participantes do grupo Esquiva>2 apresentaram viés de evitação, respondendo mais rapidamente para “verdadeiro”, comparativamente a “falso”, quando frases e complementos que descreviam a evitação de eventos privados negativos eram apresentados. Nas comparações entre os grupos dos demais tipos de tentativas, não foram observadas diferenças significativas.

De modo geral, os participantes do presente estudo apresentaram a mesma tendência observada no estudo de Perez et al. (2017) durante a tarefa do IRAP. Os participantes de ambos os grupos

respondem com viés à aceitação de eventos privados positivos. No entanto apenas um dos grupos apresentou viés de esquiva para eventos privados negativos – o mesmo grupo que emitiu respostas de esquiva durante a tarefa final. Diferentemente do estudo de Perez et al. (2017), no entanto, não foram encontradas correlações significativas entre os escores do AAQ-II e as tentativas *evito* - do IRAP.

Os resultados do presente estudo favorecem o uso do IRAP como medida avaliativa da EE, visto que a única diferença observada entre participantes que esquivaram e não esquivaram durante a tarefa subsequente foi o escore obtido na tentativa crítica que avaliava a força das respostas relacionais que descreviam a esquiva de eventos privados aversivos (*evito* -). Além disso, foi possível verificar que o tamanho do efeito nos resultados de ambos os grupos foi significativo e grande. O tamanho do efeito permite aos pesquisadores apresentar a magnitude dos resultados significativos relatados de uma forma padronizada e abrangente (Lakens, 2013).

Em relação às correlações, estudos anteriores também falharam em encontrar correlações ou qualquer poder preditivo do AAQ-II com relação a comportamentos públicos considerados, experimentalmente, como medidas de EE (e.g., Hooper, Villatte, Neofotistou, & McHugh, 2010; Drake et al., 2016). No estudo de Cochrane et al. (2007), por outro lado, os participantes foram divididos em dois grupos, com altos e com baixos escores de EE segundo o AAQ (em sua primeira versão, Hayes et al., 2004). Foram observadas diferenças significativas entre os grupos no que diz respeito à latência da resposta nas tentativas críticas da tarefa de esquiva e também nos potenciais evocados, medidos por um EEG. Em consonância

com os presentes resultados, no entanto, não foram observadas diferenças entre os grupos com relação ao número de erros na tarefa, ou seja, ao número de respostas de esquiva.

A correlação entre medidas de autorrelato (explícitas) e medidas implícitas, como o IRAP, em pesquisas de domínio clínico, nem sempre são inexistentes. No estudo anteriormente realizado (Perez et al., 2017), por exemplo, foram encontradas correlações entre os escores do AAQ-II e os escores obtidos nas tentativas *evito* - do IRAP. Nicholson e Barnes-Holmes (2012) encontraram boa convergência entre medidas de autorrelato, tentativas do IRAP e medidas comportamentais em um estudo que avaliou sensibilidade ao nojo em participantes com transtorno obsessivo compulsivo (TOC). Resultados similares com relação à convergência de diferentes medidas foram encontrados também em um estudo que avaliou respostas de ansiedade em uma tarefa que envolveu a aproximação de uma aranha (Nicholson & Barnes-Holmes, 2012; Nicholson, Hopkins-Doyle, Barnes-Holmes, & Roche, 2014).

Os resultados do presente estudo, no entanto, sugerem que o AAQ-II não apresentou bom valor preditivo no tipo de tarefa utilizada (Cochrane et al., 2007) com relação à ocorrência ou não de respostas de esquiva. Considerando que resultados similares foram encontrados por Drake et al. (2016), faz-se necessário avaliar em que medida o AAQ-II e as tarefas comportamentais utilizadas são medidos para o mesmo fenômeno de interesse. Tal questão está em aberto, mas converge com outros estudos que questionaram a validade do AAQ-II como medida de EE. Como apontado também por Drake et al. (2016), Wolgast (2014) sugere que o AAQ-II é uma medida mais correlacionada com desconforto emocional e cognitivo do que com aceitação ou evitação de conteúdos psicológicos negativos. Além

disso, pesquisadores têm buscado desenvolver novas medidas de autorrelato de EE por questionarem a sua validade de construto (e.g., Gámez et al. 2011).

Medidas implícitas têm sido consideradas promissoras no estudo experimental de questões clínicas (Teachman, Cody, & Clerkin, 2010). De acordo com Vahey, Nicholson e Barnes-Holmes (2015), medidas implícitas podem oferecer novos insights com relação a aspectos de fenômenos clínicos que podem não ser detectados por medidas tradicionalmente adotadas na literatura. O presente estudo advoga em favor do uso do IRAP na investigação da EE. Outros estudos utilizaram o IRAP para investigar o efeito de intervenções breves sobre o desempenho dos participantes em escalas no próprio IRAP e em tarefas comportamentais. Hooper et al. (2010), por exemplo, utilizaram o IRAP como medida de EE de emoções negativas em um delineamento pré e pós-teste, que avaliou o efeito de uma intervenção de *mindfulness* e outra de supressão de pensamento. Os resultados encontrados sugerem que a intervenção *mindfulness* foi seguida de uma redução na EE medida pelo IRAP, mas não pelo AAQ-II. Em outro estudo, Kishita, Muto, Ohtsuki e Barnes-Holmes (2014) utilizaram o IRAP para avaliar o efeito de uma intervenção de desfusão cognitiva (estratégia ACT) com uma amostra de participantes com ansiedade social. Na mesma direção, estudos futuros poderiam utilizar o IRAP aqui apresentado como medida geral para avaliar o efeito de intervenções ACT, especialmente criadas para lidar clinicamente com a EE.

Visto que a correlação entre o AAQ-II e as tentativas *evito* -, observada em Perez et al. (2017), não foi encontrada na presente amostra de participantes, estudos futuros se fazem necessários com amostras de participantes significativamente

maiores. Estudos futuros, ainda, deverão utilizar um pré-treino (com outros estímulos não relacionados à variável investigada) que facilite respostas mais precisas durante o IRAP, evitando a perda de participantes na composição dos grupos. Estudos recentes em laboratórios parceiros têm utilizado essa estratégia para favorecer que os participantes atinjam critério nos blocos de treino e também para evitar a perda de critério de acerto e de latência nos blocos de testes do IRAP.

## REFERÊNCIAS

- Apóstolo, J. L. A., Mendes, A. C., & Azeredo, Z. A. (2006). Adaptation to Portuguese of the depression, anxiety and stress scales (DASS). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, *14*, 863-871. doi:10.1590/S0104-11692006000600006
- Barbosa, L. M., & Murta, S. G., (2015). Propriedades psicométricas iniciais do Acceptance and action questionnaire – II – versão brasileira. *Psico: USF*, *20*, 75-85. Retrieved from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712015000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000100008)
- Barnes-Holmes, D., Hayden, E., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2008). The implicit relational assessment procedure (IRAP) as a response-time and event-related-potentials methodology for testing natural verbal relations: A preliminary study. *The Psychological Record*, *58*, 497. doi:10.1007/BF03395634
- Bond, F. W., Hayes, S. C., Baer, R. A., Carpenter, K. M., Guenole, N., Orcutt, H. K., ... Zettle, R. D. (2011). Preliminary psychometric properties of the Acceptance and action questionnaire - II: A revised measure of psychological flexibility and experiential avoidance. *Behavior Therapy*, *42*, 676-688. doi:10.1016/j.beth.2011.03.007
- Chawla, N., & Ostafin, B. (2007). Experiential avoidance as a functional dimensional approach to psychopathology: An empirical review. *Journal of Clinical Psychology*, *63*, 871-890. doi:10.1002/jclp.20400
- Cochrane, A., Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Stewart, I., & Luciano, C. (2007). Experiential avoidance and aversive visual images: Response delays and event-related potentials on a simple matching task. *Behaviour Research and Therapy*, *45*, 1379-1388. doi:10.1016/j.brat.2006.05.010
- Cunha, J. (2001). *Manual em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Drake, C. E., Timko, C.A., & Luoma, J.B. (2016). Exploring an implicit measure of acceptance and experiential avoidance of anxiety. *Psychological Record*, *66*, 463-475. doi:10.1007/s40732-016-0186-z
- Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality and Individual Differences*, *7*, 385-400. doi:10.1016 /0191-8869(86)90014-0
- Gámez, W., Chmielewski, M., Kotov, R., Ruggero, C., & Watson, D. (2011). Development of a measure of experiential avoidance: The multidimensional experiential avoidance questionnaire. *Psychological Assessment*, *23*, 692-713. doi:10.1037/a0023242
- Hayes, S. C., Strosahl, K., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and Commitment Therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: Guilford Press.

- Hayes, S. C., Strosahl, K., Wilson, K. G., Bissett, R. T., Pistorello, J., Taormino, D., ... McCurry, S. M. (2004). Measuring experiential avoidance: A preliminary test of a working model. *The Psychological Record*, *54*, 553-578. doi:10.1007/BF03395492
- Hayes, S. C., Wilson, K. G., Gifford, E. V., Follette, V. M., & Strosahl, K. (1996). Experiential avoidance and behavioral disorders: A functional dimensional approach to diagnosis and treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *64*, 1152-1168. doi:10.1037/0022-006X.64.6.1152
- Hooper, N., Villatte, M., Neofotistou, E., & McHugh, L. (2010). The effects of mindfulness versus thought suppression on implicit and explicit measures of experiential avoidance. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy*, *6*, 233-244. doi:10.1037/h0100910
- Hughes, S., Barnes-Holmes, D., & Vahey, N. (2012). Holding on to our functional roots when exploring new intellectual islands: A voyage through implicit cognition research. *Journal of Contextual Behavioral Science*, *1*, 17-38. doi:10.1016/j.jcbs.2012.09.003
- Kishita, N., Muto, T., Ohtsuki, T., & Barnes-Holmes, D. (2014). Measuring the effect of cognitive defusion using the Implicit Relational Assessment Procedure: An experimental analysis with a highly socially anxious sample. *Journal of Contextual Behavioral Science*, *3*, 8-15. doi:10.1016/j.jcbs.2013.12.001
- Lakens, D. (2013). Calculating and reporting effect sizes to facilitate cumulative science: a practical primer for *t*-tests and ANOVAs. *Frontiers in Psychology*, *4*, 863. doi:10.3389/fpsyg.2013.00863
- Lang, P. J., Bradley M. M., & Cuthbert B. N. (1999) *International affective picture system (IAPS): Technical manual and affective ratings*. Gainesville: University of Florida, Center for Research in Psychophysiology.
- Levin, M. E., MacLane, C., Daflos, S., Seeley, J. R., Hayes, S. C., Biglan, A., & Pistorello, J. (2014). Examining psychological inflexibility as a transdiagnostic process across psychological disorders. *Journal of Contextual Behavioral Science*, *3*, 155-163. doi:10.1016/j.jcbs.2014.06.003
- Monestès, J. L., Karekla, M., Jacobs, N., Michaelides, M. P., Hooper, N., Kleen, M., ... Hayes, S. C. (2016) Experiential avoidance as a common psychological process in European cultures. *European Journal of Psychological Assessment*, 1-11. doi:10.1027/1015-5759/a000327
- Nicholson, E., & Barnes-Holmes, D. (2012). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a measure of spider fear. *The Psychological Record*, *62*, 263-278. doi:10.1007/s40732-016-0176-1
- Nicholson, E., Dempsey, K., & Barnes-Holmes, D. (2014). The role of responsibility and threat appraisals in contamination fear and obsessive-compulsive tendencies at the implicit level. *Journal of Contextual Behavioral Science*, *3*, 31-37. doi:10.1016/j.jbtep.2015.01.004
- Nicholson, E., Hopkins-Doyle, A., Barnes-Holmes, D., & Roche, R. A. P. (2014). Psychopathology, anxiety or attentional control: Determining the variables which predict IRAP performance. *The Psychological Record*, *64*, 179-188. doi:10.1007/s40732-014-0020-4

- Perez, W. F. (2014). *AversiveMTS* (1.0) [computer software]. São Paulo, SP: Paradigma – Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento.
- Perez, W. F., Kovac, R., Nico, Y. C., Fidalgo, A. P., Caro, D., Linares, I. M. P., ... de Almeida, J. H. (2017). Utilizando o Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) para avaliar aspectos verbais da esquiva experiencial: um estudo piloto. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 77-91.
- Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37, 5-22. doi:10.1901/jeab.1982.37-5
- Teachman, B., Cody, M., & Clerkin, E. (2010). Clinical applications of implicit social cognition theories and methods. In B. Gawronski & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition* (pp. 489-521). New York, NY: The Guilford Press.
- Vahey, N. A., Nicholson, E., & Barnes-Holmes, D. (2015). A meta-analysis of criterion effects for the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) in the clinical domain. *Journal of Behavior Therapy & Experimental Psychiatry*, 48, 59-65. doi:10.1016/j.jbtep.2015.01.004
- Wolgast, M. (2014). What does the Acceptance and Action Questionnaire (AAQ-II) really measure? *Behavior Therapy*, 45, 831-839. doi:10.1016/j.beth.2014.07.002

Recebido em 15/09/2017 Revisado em 14/10/2017 Aceito em 08/11/2017
--